



Identidade e as relações sociais a partir do espaço de pertencimento: o espetáculo social da vida moderna

Jair Moreira¹

Resumo

Acredita-se que a influência do meio implica de forma contundente no comportamento do ser humano. Este humano no que aparenta não entender por completo o significado dessa palavra, seu verdadeiro valor, uma vez que a raiz desta diz a respeito de identidade, uma característica intrínseca e que é influenciada, mas também influencia outros. Assim, a pesquisa tem como intuito fazer uma leitura do homem/mulher enquanto pessoa que se apropria do que é, pessoa que trabalha o consciente, possuidor de arbítrio próprio e conhecedor de suas capacidades, responsabilidades e atos enquanto cidadão (para cidadão leia-se aquele que tem direitos e deveres, com personalidade jurídica). O estudo tem como problema entender este homem/mulher e sua teatralidade enquanto espetáculo social, por meio de pesquisa etnográfica. O campo escolhido foi a Universidade Estadual de Maringá e o objeto os estudantes negros e negras da área de humanas (especificamente do curso de ciências sociais). A pesquisa abarca um material de estudo que contribui com o repensar nosso papel enquanto pertencimento real na vida moderna, bem como visão de mundo que temos e o que esta pode determinar, acreditando que também somos formadores de opinião.

Palavras-chave: pertencimento; identidade; teatralidade.

¹ Universidade Estadual de Maringá – UEM. Mestrando em Ciências Sociais. moreirajair@gmail.com.

GT 09 - Gênero e relações ético-raciais: as desigualdades e os desafios contemporâneos

Identity and social relations from the belonging space: the social spectacle of modern life

Abstract

It is believed that the influence of the environment strongly affects the behavior of human beings. This human in which he does not appear to fully understand the meaning of that word, its true value, since the root of it says about identity, an intrinsic characteristic that is influenced, but also influences others. Thus, the research aims to make a reading of the man / woman as a person who appropriates what he is, person who works the conscious, possessing his own discretion and knowing his abilities, responsibilities and acts as a citizen (for citizens, read those who have rights and duties, with legal personality). The problem of the study is to understand this man / woman and his theatricality as a social spectacle, through ethnographic research. The chosen field was the State University of Maringá and the object was black and black students in the humanities (specifically from the social sciences course). The research includes study material that contributes to rethinking our role as a real belonging in modern life, as well as the worldview we have and what it can determine, believing that we are also opinion makers.

Keywords: belonging; identity; theatricality.

Introdução

Falar em representação social na universidade remete a campos muito delicados e isso não é fácil. Faz lembrar questões como políticas públicas, educação inclusiva, o papel da universidade como espaço social interno e externo, levando o seu público a apropriar-se de teorias que contribuam com o crescimento pessoal e profissional para si e para os outros. Isto significa que trabalhar os fenômenos envolvendo o espaço social moderno é complexo a tal ponto de dizer que essa abordagem tem a pretensão de levar a reflexões sobre esse homem/mulher que está em constante mudança. No entendimento de Durkheim (1970, p. 46), essas questões têm a ver com as representações coletivas, que necessitam ser entendidas como representações filosóficas e dialógicas, pois estão intimamente ligadas à psique com menor ou maior grau de solidez. Ainda o autor relembra que as representações coletivas, são as associações formadas por

homens/mulheres, ou seja, são as reuniões entre os indivíduos tendo como finalidade expressar um desejo coletivo de determinado grupo com desejos comuns. A partir dessas associações ou reuniões, os mais diversos fenômenos sociais se manifestam levando as reflexões e instigantes temas a serem discutidos ou analisados para as construções teóricas.

Essas construções teóricas darão a direção ao que conhecemos como espaço de pertencimento, ou seja, o possuir vínculo com outras pessoas e assim estar sujeitos a mesma linha de convívio, por exemplo, uma nação, um grupo social, uma família, entre outros. Este pertencer nos leva a descobrir sentimentos que podem estar adormecidos no mais profundo íntimo, e quando explorados em um espaço comum, como uma comunidade, mesmo sabendo que as representações podem ser teatralizadas, nos leva a querer também fazer parte daquele espetáculo.

Considerações iniciais

Notoriamente, é cada vez mais importante o ser humano ter consciência da contribuição de todos enquanto ser participativo na construção da identidade de um povo, de uma sociedade e sua organização. (FERNANDES, 2007, p. 137). Desta feita, este homem ou mulher é ponto positivo nesta construção, ou seja, ele vem em auxílio de outros seres humanos uma vez que não há sociedade feita por um único elemento, esta sociedade tem apoio estrutural nos novos tempos e o conhecimento advindo destes membros, faz com que a interação dos mais diferentes atores complete o conjunto da existência do ser humano.

Assim pensada, a sociedade é a interação de indivíduos mediados por uma linguagem e um suporte por eles escritos individualmente, e isso significa tornar comum uma identidade (FERREIRA, 2004, p. 819). O 'homem/mulher' é capaz de trabalhar com sua história, modificando, complementando, burilando-a, assim também é coautor desta, porém em concomitância com os outros homens e mulheres que estão ao seu redor (ROMANO, 1996, p. 16).

Ao trabalhar a construção da própria história, este 'homem//mulher' aparenta estar trabalhando a definição de sua imagem e, assim, a identidade individual nesta relação com o outro, para que também este outro absorve seu papel enquanto parte de um conjunto. Partindo desta visão esse ser humano já não é mais o mesmo, suas atitudes assumem novos papéis na teatralidade do dia a dia. Esse indivíduo aproxima-se do outro por conexões e estas conexões sugerem uma nova dramaticidade inerente ao homem/mulher contemporâneo (a) (MAFFESOLI, 1995, p. 77). Ele está o tempo todo atuando nos diferentes suportes e espaços.

Segundo o autor, os espaços sociais tornaram-se lugares democráticos em que se pode absorver e transmitir conteúdos, compreender o espaço cidadão e suas ligações. Isto tem a ver com o reaprender enquanto participante de uma linguagem social diferenciada. As falas apresentam-se de maneira teatral. E, aparentemente, nem sempre vivem o que falam ou escrevem, mas precisam se posicionar uma vez que suas preocupações giram em torno do presente, do momento (MAFFESOLI, 1995, p. 78).

É relevante dizer que a *teatralidade* (grifo nosso), este espetáculo no meio social, pode se apresentar em níveis distintos: cheias ou vazias de sentido. Segundo Kosovski (2000, 92) um exemplo são as manifestações, tendo como pano de fundo a política, que têm peso social significativo, a fim de mostrar indignação ou tentar fazer valer a voz. Em se falando de manifestação, de voz, de expressão ou de sentimentos que como dito se apresenta de maneira teatral, a pesquisa procura destacar que nos espaços sociais, os discursos não são mais os mesmos que outrora. Existem outras falas, influências discursivas advindas de um público heterogêneo. Os códigos que vem dando suporte para esses representantes, apesar de disponibilizarem a possibilidade de falar diferentes linguagens, é possível perceber uma predominância em questão, o desejo de se fazer presente, representado, ou ainda ser notado. (BAKHTIN, 1988, p. 262 *apud* MARCUSCHI, 2002, p. 30).

Isto posto, o tema da pesquisa procura discutir identidade e as relações sociais, a partir do espaço de pertencimento. Moehlecke (2002, p. 167), apresenta a ideia de que é necessário tirar a impressão de que existe algo associado à revolução ou ao radicalismo, que por sua vez leva ao princípio de luta armada a fim de tomar o poder ou, ainda, a desvios de conduta padrão. A ideia para o autor é apresentar qualquer manifestação em prol de mudança, manifestações positivas, é fazer algo a favor de alguém ou alguma causa, com ações diretas. Isso é fundamental para a promoção do homem como um todo. ‘Assim, a pesquisa tem como intuito fazer uma leitura envolvendo a arte das representações sociais, observando alguns autores que, em suas reflexões trazem à baila a questão da formação da sociedade, tendo como pano de fundo essa perspectiva diferenciada’.

Uma produção científica vai além de buscas e inquirições, é um desdobrar-se no processo de investigação a respeito de assentado problema de pesquisa, ou seja, não pode ser um evento acidental, pois orienta a escolha do pesquisador. E a partir da delimitação do tema, cheguei ao problema de pesquisa que no parecer de Cervo e Bervian (2002, p. 84) “[...] é uma questão que envolve intrinsecamente uma dificuldade teórica ou prática, para a qual se deve encontrar uma solução”. Para tanto, a problemática desse artigo, tendo como foco ‘o espetáculo social da vida moderna e as relações sociais’, tendo como objeto entender as representações coletivas em se falando do negro e negra na universidade.

Quanto ao objetivo geral, a ideia é investigar a contribuição do ‘pertencer’ para a vida do ‘homem/mulher moderno (a)’, para tanto os objetivos específicos procuraram fazer uma leitura do(a) estudante que se apropria da identidade; trabalhar o indivíduo nessa relação com o outro e interpretar a teatralidade “um espetáculo social”. Pensar metodologia é lembrar que ela tem como referência o estudo da forma empregada cientificamente para se chegar a um determinado resultado em uma pesquisa, assim, a metodologia dessa pesquisa quanto ao tipo é explicativa, Gil (2002, p. 42) entende que este tipo de pesquisa tem

como preocupação identificar fatores que determinam ou que contribuam para a ocorrência dos fenômenos. Esse tipo de pesquisa é a que procura aproximar o conhecimento da realidade, pois explica a razão, o porquê das coisas, no caso deste estudo o estudante negro/negra e seu pertencimento, representado pela teatralidade social da vida moderna.

A técnica, por sua vez, foi um estudo etnográfico que segundo Ferreira (2004, p. 405), descreve a cultura de um povo, sua língua, sua raça, sua religião e hábitos. Ainda tem a ver com suas manifestações materiais e atividades, bem como de suas características antropológicas, sociais etc. Para Becker (1993, p. 105), a etnografia metodologicamente dentro das ciências sociais, tem como foco o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. No caso da pesquisa trabalhei com alunos negros e negras do último ano dos cursos de Ciências Sociais, História e Letras (quarto ano), da Universidade Estadual de Maringá, no segundo semestre do ano de 2019, sendo um aluno de cada curso, num total de três alunos.

A análise dos dados tomou como parâmetro a questão qualitativa. De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 269) é uma investigação voltada para os aspectos qualitativos de determinada questão, ou seja, considera a parte subjetiva do problema. Ainda este tipo de pesquisa procura identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente. Assim, por meio de acompanhamento de campo, foi possível obter informações do objeto selecionado para a pesquisa - alunos negros (as) do quarto ano dos cursos de Ciências Sociais, História e Letras, da Universidade Estadual de Maringá - UEM, no ano de dois mil e dezenove, sendo um aluno de cada curso, totalizando 3 (três) alunos.

Essa pesquisa por ser um estudo científico tem seus limites. Por um lado, ela se justifica ao trabalhar a inclusão social que fala do ser humano o qual se encontra na contramão dos estudos propostos, uma vez que este homem/mulher tem por bem ser trabalhado (a) sua

inteligência emocional, a sensibilidade e complexidade, que envolve sua história. Por outro lado, a pesquisa procurou apresentar discussões a respeito de quem é este 'homem/mulher' e a constituição na sua formação, pois o que conhecemos é de forma superficial. A ideia buscou suscitar reflexões por meio de experiências reais etnográficas.

Formação social

Ao trabalhar a questão de formação social faz necessário falar do seu protagonista 'o ser humano' e para Ingold (1998, p. 40), o ser humano aos olhos da antropologia é diferenciado, mas também pode ser visto como tantas outras espécies existentes. O autor argumenta que não somos tão distintos assim, se disser que o humano é um ser pensante e isso o distingue, outros seres também são pensantes, caso contrário seríamos 'excluidores' dos outros e o espaço físico seria somente do 'homem', e o que percebemos é a coexistência. Para o autor nossa formação faz parte de um todo, pois cada criatura tem sua importância para sua origem, que tem vida a fim de cumprir determinado papel para dar finalidade a sua existência, não deixando de cumprir com seu papel na jornada da vida.

Pois bem, poderíamos então dizer que o ser humano tem cultura e isso o diferencia. Ao pensar cultura, é possível perceber no entendimento de Laraia (2001, p. 20) e Rapchan (2010, p. 227) que essa trata da questão contemporânea sociocultural e suas relações entre sociedade e sua evolução. Isso dá margem para entender as associações possíveis praticadas pelo próprio homem, ou seja, seus sentimentos pelos seus iguais (familiares), pelos animais, pelos seus bens pessoais entre outros. Só isso já provaria que o homem não é tão diferente dos outros seres, pois todos buscam se associar, se organizar, criar blocos para se sentir sociável, isso é comportamento social com seus padrões, crenças, normas, tabus, tradições, instituições sociais entre outros.

Trata-se, portanto, de recompor o que foi decomposto, antes de mais nada, a título de

verificação, mas também para encontrar, de novo, o que há de verdade na abordagem característica do conhecimento comum, a saber, a intuição criada por eles. Para isso, convém retornar ao princípio unificador e gerador das práticas, ou seja, ao *habitus* de classe, como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe; portanto, construir a classe objetiva, como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objetivadas, às vezes, garantidas juridicamente - por exemplo, a posse de bens ou poderes - ou incorporadas, tais como os *habitus* de classe - e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios (BOURDIEU, 2007, p. 97).

O autor nos mostra que as ciências implicam em seus trabalhos, discussões a respeito do modo de viver, ou formas de vida em determinadas sociedades específicas, eis o processo que diferencia o homem dos demais animais, ou seja, a questão cultural padronizando-o, é uma questão cultural própria do homem. Em se falando de cultura, é preciso lembrar que esta representa a forma de vida de determinado povo ou de determinada sociedade, bem como o processo de transferência das informações que o(a) particulariza (escola, trabalho, universidade...).

Essas transferências de informações são as relações entre os indivíduos, entre os grupos sociais tendo a linguagem como ponto crucial para gerar entendimento podendo ou não ter concordância, mas o que realmente interessa é que cada grupo possua características próprias como pensamentos que os agregam, ideologias que os aproximam, discursos parecidos ou que possam ser comungados em determinados momentos.

Pesquisas apontam que os seres humanos são produtos da cultura, uma vez que ela é o ambiente em que este 'homem/mulher'

navegam, é onde somos, segundo o autor, socialmente formados com determinados valores, crenças religiosas, regras formais ou não, conhecimentos advindos do início de nossa formação entre outros, e também factualmente assentado com condições na qual vivemos. Para Bauman (2008, p. 25) o homem se transforma em humano ao longo de sua vida histórica e social, ele não nasce humano, pois o meio cultural o ajuda a ser quem é.

Sentimento de pertencer

Ao abordar a questão de formação e relações sociais é importante lembrar que como dito no capítulo anterior esse homem e mulher vão se construindo com o passar dos anos, mas para esta construção ele (a) precisam sentir-se parte, necessitam ter consciência de que pertencem a determinado espaço social. Assim, partindo da perspectiva de Durkheim (1970), a respeito do indivíduo e seu convívio social ter como premissa o coexistir de maneira aceitável, mesmo com diversidades das mais variadas: cultura, gênero, raça, credos, entre outros, a formação desse indivíduo percorre o sentimento de pertencer social com a finalidade de fortalecer valores.

Um pensamento nos ajuda na definição desse ‘sentimento de pertencer’ “[...] *plus ça change, plus c'est la même chose*” (BAUMAN, 2008, p. 37), traduzindo ‘quanto mais se muda, mais se é a mesma coisa’; essa talvez seja a busca do homem, o fazer parte de algo. A palavra pertencer tem ligação íntima com laços reais, por exemplo, família, igreja, lugar em que se vive (comunidade) que são laços estreitos e valores formais (BOURDIEU, 1996, p. 8). Ainda é possível dizer que pertencer, no entendimento de Tuan (1983, p. 198) tem relação com a perspicácia, com o saber ou prática e com a relevância. Fazer parte de um determinado espaço, implica em saber do lugar que está ou que veio, assim os lugares têm seus valores que dão o tom por meio de experiências vividas (BUTTNER, 1982, p. 165).

Se pensar bem, discutir 'lugar' isso remete ao conhecimento intrínseco do indivíduo, isso retrata o quanto pertencer está ligado ao seu íntimo, e este indivíduo aos que o rodeiam, independente se falamos de pessoas ou coisas. Segundo a visão de Holzer (1997, p. 79), o homem enquanto pessoa, elemento físico necessita dessa troca e ele "[...] coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações". Este sentir-se parte é uma maneira de também se apresentar, postar-se, dizer que é contributivo com as vibrações ali presentes, com os feitos realizados e as conquistas ou transformações ocorridas, dando valorização ao meio em que se está inserido. (LESTINGE, 2004, p. 11).

O termo *pentencer* faz parte de nossa da vida o tempo todo, desde o nascimento até a morte, tendo como finalidade a construção desse mundo social partilhado, as produções, reproduções ou construções realizadas por seus habitantes de forma contínua e recorrente. De acordo com Tavares (2015, p. 179) isso pode ser entendido como os laços que vão se formando ao longo da existência do sujeito e definindo os comportamentos grupais e suas ligações mais estreitas, tornando este membro efetivo no que se refere aos deveres sociais, condutas e preceitos. Para o autor cabe dizer que este sentimento tem suas variantes no desenrolar da vida, pois quando criança buscamos fazer parte de um determinado grupo que nos une pelos prazeres lúdicos, na adolescência o sentimento que une aos grupos é o de se descobrir, o adulto por sua vez procura equilíbrio, solidez, estabilidade e na velhice os grupos se unem em torno da serenidade, quietude... ou seja, são as semelhanças que os unem em prol de um bem comum.

Ainda Tavares (2015, p. 200) comenta que as pessoas necessitam sentir que fazem parte de um meio, grupo ou comunidade uma vez que existir só faz sentido se estivermos ligados ao outro ou outros, ou seja, ao coletivo, pessoas que buscam ideais parecidas, que caminham na mesma direção. Isso também tem ligação com a inclusão, com a aceitação concreta; em virtude de todos falarem a mesma linguagem estes 'são iguais' socialmente, há uma aliança do conjunto, uma ligação

que os sustenta como sociedade formal. (VAZ; ANDRÉ, 2015, p. 191). Esse sentimento de pertencer não vem de fora para dentro, mas sim ao contrário, nada é imposto, é um encontro de identificação a fim de formar um corpo.

A teatralidade - um espetáculo social da vida moderna

Para trabalhar a questão de pertencimento e sociedade moderna, primeiro se faz necessário ter noção da complexidade destes termos. As discussões entre pesquisadores dão conta dessa difícil realidade sociológica, uma vez que a própria história já nos dá um parecer das divergências sociais ao longo dos anos; grandes guerras, revoluções, debates, projetos e ideologias inúmeras tentando entendê-las. Amparado no pensamento de Velho (1978, p. 126) um dos veios condutores da realidade dessa sociedade moderna está ancorada nas famílias com seus desafios e assimetrias, bem como as difusões que tudo isso causa. Estes desdobramentos impactam de maneira contundente nos diferentes grupos sociais uma vez que ideologias são passadas de pessoa para pessoa, de grupo para grupo; segundo o autor difundido por meio de seus saberes e práticas. De acordo com Velho (1978, p. 127) sociedade moderna e sua organização tem relação com hierarquia. Esta,

mapeia e, portanto, cada categoria social tem seu lugar através de estereótipos como, por exemplo: o trabalhador nordestino, “paraíba”, é ignorante, infantil, subnutrido; o surfista é maconheiro, alienado etc. Eu acreditaria que a dimensão do poder e da dominação é fundamental para a construção dessa hierarquia e desse mapa.

Isso para o autor fica transparente quando se observam as pessoas e suas maneiras de se manifestarem, como por exemplo, etiqueta ao se dirigir ao outro, adequação ao meio, saber aguardar ou não seu momento de se posicionar, ou seja, existem visões diferentes e visões do mundo de ponto de vista dos diferentes atores em uma mesma

situação social. Porém o sistema leva à continuidade das interações e estas permanecem, uma vez que a participação social não é passiva, ela permite críticas independentemente da hierarquia. Essa sociedade contemporânea, contempla diferentes falas dos atores que andam envoltos as posições ocupadas e seus valores relativos, negociando constantemente interesses que divergem, porém contemplam também mecanismos que os acomodam.

Os cientistas sociais, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, etc. estão constantemente entrando em áreas antes invioláveis, levantando dúvidas, revendo premissas, questionando. É claro que isso varia em função de possibilidades - origem social, tipo de formação, orientação teórica, posição ideológica, entre outras. Mas, mesmo em se tratando de indivíduos e correntes mais ligados ou identificados com tendências conservadoras, ou até reacionárias, o próprio trabalho de investigação e reflexão sobre a sociedade e a cultura possibilita uma dimensão nova da investigação científica, de consequências radicais - o questionamento e exame sistemático de seu próprio ambiente (VELHO, 1978, 127-128).

O parecer é de que estamos acostumados a encarar essa paisagem social seguindo a ótica dos seus atores, suas hierarquias, categorias, distribuição de poderes, mas não significa que compreendamos, na íntegra, suas relações. Buscamos conhecer o indivíduo e por estes traçamos a ideia do grupo, porém, segundo o pesquisador acima, a sociedade brasileira é formada por pessoas diferentes e interrupções dentro dos grupos. Quanto ao conhecimento citado, este se dá de acordo com as interações culturais e historicamente definidos, mesmo entendendo as limitações do ser humano, de suas combinações e aspirações.

Para Haug (1986, p. 22) as relações existentes têm suas particularidades e uma delas são as inter-relações sociais mediada pela identidade social, a partir do reconhecimento de um espaço conquistado tendo como meta suprir seus desejos, e que estes possam satisfazer seus

interesses. Tais desejos/interesses podem ser impressos na pessoa, transformando-a em coisa, objeto do desejo que persegue, fazendo-a atuar como sendo parte de um espetáculo criado para o público do qual ela faz parte, uma teatralidade que dê respostas imediatas, mas também que possa agir representando nesse relacionar entre pessoas que a sociedade moderna imprime como cultura.

Quanto a cultura, Bauman (2008, p. 34) argumenta que as formas sociais e a cultura de vida contemporânea são reinterpretadas constantemente, sem um fim conclusivo,

são descrições da realidade social, mas instrumentos de sua análise e – ao que se espera – de sua compreensão. Seu propósito é fazer com que nosso retrato da sociedade que habitamos “faça sentido”. Para atingir esse propósito, eles deliberadamente postulam mais homogeneidade, consistência e lógica no mundo social empírico do que a experiência diária torna visível e nos permite captar. Suas raízes se fixam profundamente no solo da experiência e das práticas humanas cotidianas. Mas para conseguir uma melhor visão de tais práticas, assim como de suas causas e motivos, precisam de uma distância que lhes permita abraçar o campo como um todo de modo que a visão das práticas humanas se torne mais abrangente e mais clara para o analista, revelando também, espera-se, as causas e os motivos de suas ações aos próprios atores.

Essas relações chegam a ser cruéis, a parecer transações mercadológicas, levando-nos também a crer e agir como mercadorias, distorcendo ou negligenciando essa formação humana como se fossemos um conjunto homogêneo produzidos em massa, compramos iguais, comemos iguais, frequentamos iguais, para sermos iguais. Este homem/mulher é “[...] o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 2001, p. 24). Agora, o que não

se pode é pensar que essas definições justifiquem as diferenças sociais, e atribuir tudo a genética.

Como mostrado há interação entre os indivíduos e esta é uma influência recíproca, definindo papéis de forma hierárquica, Goffman (1985, p. 99) comenta que há uma negociação entre as partes visando o que se encontra em jogo, e a partir desse momento a pessoa dá início a gestão dos seus princípios pretendendo atingir seus objetivos, e como diz o autor de forma consciente ou não. Nesse espetáculo o autor entende que a interação social se posiciona, isso de acordo com cada ator estando em equipe ou não, afirmando as expectativas entre eles. (GOFFMAN, 1985, p. 103).

Isto posto, esse espetáculo social está intimamente ligado a essa sociedade moderna, que para Simmel (1977, p. 34) tem como ideal o produto que trabalha a separação de classes, desse modo a sociedade moderna expressa sua própria imagem: social, econômica, política, cultural, ideológica entre outras. Quer dizer que o ser humano é influenciado pelo meio, se ajusta as forças existentes e promove novas relações sociais, apegando-se aos aspectos de sua personalidade.

Identidade social e as relações sociais à partir do espaço de pertencimento

A investigação a qual me propus junto aos alunos do último ano nos cursos de Ciências Sociais, História e Letras da UEM, no ano de 2019 (segundo semestre), num total de três alunos, levou em consideração a idade, o gênero, estado civil, se tem filhos, se trabalha ou não e carga horário, tipo de deslocamento para a UEM, como deu o ingresso na Instituição, se o curso escolhido foi a primeira opção, se já havia prestado outros vestibulares, qual motivação para ingressar no determinado curso, qual o grau de satisfação com o curso e professores, se entende o que é inclusão social, se entende que há perfil diferente entre os alunos negros e não negros na UEM, se há influência no ensino/aprendizagem por conta dessa realidade (alunos negros e não negros), como entende a questão sobre as relações sociais, e a identidade

pessoal como poderia ser descrita, ainda a identidade pessoal implica em questões sociais? Quanto ao meio universitário, o espaço social é praticado de maneira que contemple os diferentes públicos? Em se falando de situações em que não negros tiveram atendimento diferenciado dos alunos negros por parte dos educadores, foi testemunha de algo nessa conjuntura. Também busquei saber se é possível trabalhar a organização dinâmica do ensino, voltada para a inclusão social nos campos universitários, de forma a contemplar uma discussão mais homogênea e para finalizar minha ideia foi verificar como este aluno negro (a) na área de licenciatura, trabalharia metas para uma sociedade mais igualitária.

Pesquisar é sempre um grande desafio, pois a ideia é suscitar reflexões a respeito da linha proposta, mas também há descobertas vultosas que confirmam as proposições. O que me surpreendeu de início foram as idades, os participantes têm entre 21 a 24 anos, ou seja, jovens que ao terminaram o ensino médio e já foram aprovados no vestibular da UEM, dita como uma Instituição com um dos vestibulares mais difíceis do Estado (um adendo a de se observar: dos três participantes, um é cotista – o aluno do curso de Ciências Sociais). Todos os três jovens são solteiros, sem filhos, moradores de Maringá (os três têm mais irmãos), todos residem com os pais, sendo os participantes dois homens e uma mulher.

Dos três alunos apenas um não trabalha, justamente o que vem de ensino particular (tanto o fundamental quanto o médio, e também é o dos que não entrou na UEM por vaga de cotas), é filho único e de professores. Também é possível perceber que a classe social desse aluno é diferenciada, pois entre os alunos participantes, esse é o único que vai para a aula de carro, os demais vão de ônibus, bicicleta ou a pé. Os dois outros alunos trabalham entre 20 a 30 horas semanais, o que não apresenta empecilho na qualidade enquanto discente, ainda pude observar ao saber que os dois alunos que vieram da rede pública, estudaram durante toda sua vida em escolas públicas, e esse item

mostra o quanto são proativos, bem engajados e os três participantes, nas suas falas, mostram reconhecer o sentimento de pertencimento.

Maringá é uma cidade bem estruturada, e a Universidade Estadual de Maringá - UEM, é uma instituição pública que é mantida pelo Estado do Paraná, com campus na região metropolitana da cidade: Cianorte, Gaúcha, Goioerê, Ivaiporã e Umuarama; extensões em dois distritos: Floriano com o Centro de Piscicultura e Iguatemi com a Fazenda Experimental, bem como na cidade de Porto Rico com o Centro de Pesquisa em Porto Rico (NUPÉLIA). A instituição oferta 63 (sessenta e três) cursos de Graduação, 85 (oitenta e cinco) cursos de Especialização, 30 (trinta) cursos de Mestrado, 17 (dezessete) cursos de Doutorado e 2 (dois) cursos de Pós-Doutorado. A sede do Campus tem aproximadamente 100 hectares, com uma população universitária de aproximadamente 20 mil pessoas, entre alunos, professores e servidores. (DA COL et. al., 2013). Sua localização é privilegiada, fica na área central da cidade e isso ajuda no deslocamento, inclusive os dois alunos que trabalham, bem como o discente que não trabalha, todos se deslocam de suas residências.

Em se falando do curso, pensando na área de humanas, os alunos participantes da pesquisa (dois homens e uma mulher, lembrando que os nomes são pseudônimos), concordam que os cursos são amplos nas respectivas áreas de atuação, e a escolha se deu pela influência durante o ensino médio,

O Jafari diz “[...] o engajamento no meio negro e a militância, mesmo de forma primária e o com a vivência no curso este veio para dar sustentabilidade ao conhecimento empírico, assim a teoria e a ciência se juntaram aos conhecimentos absorvidos na adolescência durante o ensino médio.”

O Bomani diz: “[...] no ensino médio eu gostava muito das aulas de filosofia e sociologia, tínhamos discussões e eu conseguia fazer parte daqueles questionamentos, pois também me questionava. Antes de me inscrever para o

vestibular procurei fazer um feedback, olhei a grade e em uma mostra de profissões me vi no curso, assim prestar o vestibular com toda certeza do que queria.”

A Zuri fala que “[...] o interesse foi despertado no ensino médio, falar em política, sociologia, isso me levou a querer saber mais do ser humano, a entender melhor o homem, onde este está no mundo e como nos definimos e posicionamos.”

Ao pensar no grau de satisfação, alguns desejos não foram alcançados pelos discentes, como por exemplo, ainda faltam maiores discussões e menores reproduções, trabalhar a partir do já existente com uma fala diferenciadora, criatividade ou a uma padronização, falas que possam ir ao encontro do que realmente aconteceu e está acontecendo, ou seja, discursos são autênticos e vivências. É perceptível a necessidade de engajamento, pois o conhecimento só é benéfico, e quanto mais o temos, mais podemos contribuir para com o outro, proporcionado pelo curso.

Quanto ao docente, para os participantes a fala de alguns professores tem discursos que não traduzem a prática, fala-se muito bem, tem conhecimento de causa, mas no momento em que há uma situação em que se pode mostrar para que sirva o curso, isso não é trazido para o presente, e assim perdem-se grandes oportunidades de mostrar a importância do curso justamente para aqueles que trabalham contra.

Ainda as questões sociais precisam ser discutidas, colocadas as claras, falar da vivência do homem/mulher, falar do meio em que vivemos, da cultura, dos diferentes grupos, de questões relacionadas a gênero. E os cursos trabalhados na pesquisa proporcionam isso, ou seja, dão condições aos alunos(as) de discutirem suas realidades. E os professores de posse do conhecimento, dão sustentabilidade, estes despertam a compreensão, levando ao aproveitamento científico/prático, que faz parte do ideal na formação universitária.

Dando complemento a questão da inclusão social, o Ministério da Educação (MEC, 2019) diz que,

é consensual o reconhecimento das transformações que atravessam o mundo do trabalho: novas tecnologias e modelos organizacionais, surgimento e desaparecimento de ocupações, novos requisitos para obtenção de empregos, aumento do desemprego em termos de volume e tempo de duração. Essas mudanças, entretanto, não afetam de modo homogêneo e nem ao mesmo tempo os diferentes países, regiões, setores produtivos e perfis de trabalhadores (PORTAL.MEC.GOV.BR, 2009, p. 6).

No Brasil essa realidade é marcante quando se fala no trato para com as pessoas, e os alunos(a) com os quais trabalhei, mostraram que acreditam nessa fala,

Zuri diz: “[...] acredito que, ao passo que se tem novas tecnologias, há uma certa democracia e divulgação dos trabalhos realizados junto aos menos favorecidos. Porém quanto ao trabalho realizado, em termos de ideias e transformações sociais estas estão aquém da realidade nacional, ainda não atinge os que realmente necessitam, inclusive a questão de conhecimento quanto aos direitos estes não são debatidos, não são discutidos, não são disponibilizados de maneira a estar próximos de camada que deveria ser usual, contribuindo sim com a heterogeneidade no país.”

Bomani fala que “[...] é importante ter ciência de que o trato diferenciado existe sim, de maneira clara ou velada ele está presente no nosso dia a dia. A questão identitária ainda não é tratada com a seriedade que deveria ser tratada, pois a todo momento vemos reportagens mostrando o desrespeito e o crime racial; seja por parte dos poderes constituídos ou por civis essas transgressões sociais nos acompanham. Ainda há os que procuram ocultar esses desmandos, impedindo o crescimento plural da cultura, cujas pluralidades só têm a acrescentar nas reflexões das

peçoas, e dando suporte para as tão sonhadas mudanças de maneira homogênea.”

Jafari argumenta que “[...] existem muitas diferenças e desigualdades, conforme diz o texto acima não se tem homogeneidade, não se trabalha pensando no todo e menos ainda no corpo igualitário. Tratar da mesma maneira significa esquecer o individual e lutar pela condição humana justa a todos, que possam ser compartilhadas e não aos olhos dessa globalização desenfreada que reduz ao nada os povos. [...] o curso proporciona condições aos alunos de discutirem suas realidades. E os professores de posse do conhecimento, dão sustentabilidade para nós, eles despertam a compreensão nas diversas áreas do curso, sem contar que nos dá fundamentos para interagir com outros grupos falando de socialização, levando ao aproveitamento prático, que acredito ser o ideal na formação universitária.”

Na fala dos alunos(a) estão presentes a preocupação quanto ao perfil dos alunos negros e negras. É possível perceber, segundo os entrevistados, que estes alunos (as) têm perfil diferenciado dos não negros, pois suas contribuições com a academia parte de suas histórias raciais ou de vida que lutam para provar sua capacidade em comparação aos alunos não negros, percebendo então que os lugares desse público em particular, não é o que se discute, não é cor da pele, não é gênero, mas sim como essa cor é vista, como é tratada. E quem a tem sente nos olhares, nas falas, nos gestos. Agora isso não significa que os negros e negras sejam menos capazes, o que muitos, infelizmente ainda pensam assim. A diversidade existe e isso é real, não há como negar. As experiências e origem familiar, religiosa, social, apresentam os alunos negros com características próprias e nossas trajetórias falam muito deste universo particular. O processo ensino/aprendizagem, está intimamente ligado a questão do lugar de pertencimento apropriado por estes(a) alunos(a). Vejamos o que eles pensam,

Bomani “[...] Essa situação de trato diferenciado, mesmo que velado interfere de maneira ímpar, pois os que passam por esta realidade sentem-se, se não totalmente,

parcialmente excluídos, e a exclusão com certeza atinge a condição intelectual, pois o ser humano é uma obra interligada por diversos condutores. Um não está desligado do outro, agindo de maneira isolado, e isso pode levar ao desânimo, se não ao abandono da busca pelo compreender, sentir e repassar conhecimentos.”

Zuri “[...] *As relações entre ensino/aprendizagem é uma questão de comunicação, interação e do interagir. Se isso não acontece este ensinar e aprender estão comprometidos. [...] Como disse o ingressante é despojado de influências, estas podem ser adquiridas ao longo da caminhada. Então num primeiro momento não há interferência, o que pode muito bem mudar com o passar dos anos.”*

Jafari “[...] *Existem muitas questões, a começar pelos livros. Cadê nossa história contada real, essa história que é atual e precisa ser debatida no campus. Há necessidade da temática ser levada para outros cursos, outras reuniões fora da militância, outros movimentos. Essa reconstrução tem por bem ser dado ênfase, pois participamos da vida ativa do país, econômica, social, somos cidadãos e nossa história é excluída claramente.”*

A sociedade para Ribeiro (2006, p. 95) é uma complexa ação de indivíduos unificados por uma cultura comum, agora, o que não se pode ter é a ilusão da importância do ser humano, este é visto pelo mercado globalizado como mercadoria consumível. De acordo com Appadurai (2008, p. 90), existe um pensamento natural quanto ao relacionado em se falando de individualização e singularização. Se aqui falamos da importância do conjunto, a influência que exercemos como grupo, as pessoas também são vistas de grupos, como pessoas individuais, podendo ser reduzidas a mercadorias consumíveis por um dado momento, enquanto úteis,

representando o universo natural da individualização, a popularização conceitual entre pessoas individualizadas e coisas mercantilizadas é recente e, em termos culturais, excepcional. Pode

acontecer (como já aconteceu) de pessoas serem mercantilizadas, por vezes sem conta, em muitas sociedades ao longo da história, por intermédio daquelas instituições bem disseminadas, conhecidas pelo nome genérico de “escravidão”. Portanto, talvez seja fácil abordar a noção de mercantilização examinando-a primeiro no contexto da escravidão (APPADURAI, 2008, p. 90).

O que abordei anteriormente tem relação com a questão identitária, pois esta existe para motivar a vida. A identidade é necessária à medida que a vida está contemplada nesse meio social em que se vive, ou seja, ela existe para motivar a vida, dar vida e salvar vidas, no sentido mais amplo da palavra. Ainda vejo que são questões que precisam ser trabalhadas em polos diferentes. As relações sociais são ditas como trocas do tipo ‘relações entre dominados e dominadores’, ou ainda as relações de conflitos em que os homens são mais valorizados que as mulheres; no trabalho, no estudo, nos lares; as relações de poder, que o que a tem é inatingível, as relações de escravidão (no seu sentido amplo) que pouco são trabalhadas, pouco discutidas, pouco são postadas nas mídias, por outro lado a identidade pessoal que também é uma questão bem complexa. Os alunos e a aluna disseram que,

Jafari “[...] nossas relações se dão primeiramente a partir do olhar do outro, o que está a nosso redor fala também de nós, e depois as oposições, o que nos leva a reconhecer as distinções uns dos outros e o reconhecimento de que sou diferente, de que ajo diferente, de que tenho meus valores e importância neste amplo mundo.”

Bomani “[...] sou diferente, e esta diferença é que proporciona a grandeza das discussões, das relações, dos crescimentos, contribuindo questões envolvendo a busca pela igualdade do homem/mulher, o poder do sujeito na construção do mundo, as buscas pelas transformações também passam pela fala individual e pelo diálogo entre pessoas de culturas diferentes, que só tem a propiciar crescimento.”

Zuri “[...] no quesito identidade, o compromisso me parece estético e não intelectual, isto é, há um poder intrínseco e muito bem trabalhado em favor de...”

Os alunos(a) entendem que essa realidade existe, ou seja, ainda não se tem discussões mais preocupadas, mas detalhadas, alongadas..., e acrescentaram que, segundo a visão deles, estamos longe dessa realidade, mas que é possível trabalhar essa questão de identidade, tanto a social quanto a pessoal.

Zuri argumenta que “[...] Acredito que a nossa identidade pessoal não tem como desligar da social, pois temos influências dos que convivem com a gente no dia a dia. As relações fazem parte, no trabalho, com os amigos, nos estudos, na família, tudo isso é história social e com certeza interfere na identidade pessoal. [...] O público universitário por si só já é diferenciado, e este universo abrange pessoas com formações diferenciadas. Agora falando da UEM, este espaço social é elitizado. Mesmo sendo um meio público eu acredito que a universidade não atende por inteiro os seus alunos, isso pensando na questão identitária.”

Bomani “[...] Quando queremos, podemos, o que precisa é o ensino se propor a contribuir com o desenvolvimento no que se refere a inclusão social, que este proporcione capacidade ao cidadão por meio de debates, uma visão mais ampla, inclusiva, coletiva e igualitária, e uma política pública inclusiva do indivíduo. [...] mesmo estando quase no final do curso, acredito que começaria pela base pensar no indivíduo e a contribuição com sua formação identitária. A prática fala mais que a teoria, é nisso que acredito. Vejo que na UEM por ser um meio público é mais fácil se articular, mas no meio privado isso não acontece, enquanto vamos começar por nós.”

Jafari diz “[...] O meio escolar é um espaço que contempla ou deveria contemplar a construção de ideias, então a formação, pensada no diferencial, leva a reflexões no que se refere as diversidades, as discriminações de gênero, raça,

cor, deficiências, e ainda proporciona lembrar que em muitos momentos aos negros e negras foram negadas suas manifestações. [...] É um conjunto de trocas, de experiências, teia de relações com o outro. As relações sociais vão além da questão de raça, classe, gênero. Ela tem sua estrutura na própria história do homem e sua sobrevivência. É um instinto do ser humano.”

Ainda foi possível perceber que aos olhos dos alunos(a) o público universitário é tratado de maneira diferenciada, para eles isso é transparente, dizem que é fácil ver a desigualdade, a divergência, citando inclusive exemplos, os laboratórios das exatas e os das humanas, os recursos para atualizar os aparelhos ou os computadores segundo eles não são iguais. Também as manifestações estudantis, são pouco frequentadas por alunos de outros cursos, mesmo nos espaços dos campos e em áreas comuns como restaurante universitário, em frente a biblioteca... Como alunos e alunas e principalmente como pessoas, buscam melhorias para os discentes, mas nem sempre são vistos como tal, e assim acreditam que o espaço social da universidade não contempla os diferentes públicos.

Faz necessário lembrar que, identificar-se não tem nada em comum com ser igual, mas sim em se reconhecer fazedor de um universo com tantas diferenças. Posso até ser parecido, mas sou único dentro do grupo a que pertença. É uma construção, um processo ao longo da vida. E mesmo sabendo que cada pessoa tem seus princípios, a construção dessa identidade se dá por meio das experiências adquiridas no conjunto. E a partir desse pensamento, precisamos incluir o público a margem, isso faz bem a universidade, pois ter essa cara diversificada é papel da educação.

Zuri “[...] Tenho para mim que a identidade pessoal tem a ver com a maneira de como me enxergo e como o outro me enxerga, isso é o olhar meu e do outro, pois vivemos em um mundo social, partilhado, e o meu pessoal tem também influência do outro. Essa questão de identidade pessoal é o reconhecimento que define meu eu individual, consciente, minha essência, compreendendo quem sou.”

Jafari “[...] Se digo que minha essência faz parte da minha identidade pessoal, ela irá apresentar muito de mim quando estiver em grupo. Meu posicionamento, minha língua, fala, exposição de ideias, tudo isso influencia nas questões sociais.”

Bomani “[...] Uma pessoa que faz parte de uma comunidade, de grupo do bairro, da igreja, de um partido político ou militante, ao posicionar-se ela está implicando seu carimbo, seu parecer pessoal, que altera o social sim.”

O ministério da educação diz que a ‘educação deve ser inclusiva’, segundo Glat et al. (2003) ela necessita proporcionar a participação de todos em todos os níveis como mediador e a vocação desse espaço de ensino/aprendizagem chamado universidade é a formação de capacitação humana, um espaço de aplicabilidade das políticas inclusivas. E como foi bem lembrado por um dos alunos participantes da pesquisa, os professores são formadores de opinião e isso lhes dá o poder de contribuir positivamente com a diminuição das diferenças sociais, primeiro nas universidades e depois sendo multiplicadores do conhecimento extramuros, dando aos alunos o poder de replicar a fala e as ações.

Considerações finais

A inclusão social é questão de diálogo, conversas, discussões, encontros, debates. É dar visibilidade a questão, não deixar no anonimato. E o campus é um espaço social para tais discussões. Também foi possível perceber que os discentes estão dispostos a buscá-la neste meio universitário, plantar sementes para que estas cresçam e possam dar frutos dentro e fora do campus. Por meio de discurso crítico, apresentando diferentes narrativas, literaturas, falas, exemplos reais como vivências de ontem, de hoje, pessoas que trabalharam e trabalham para isso acontecer e com resultados, pois o trabalho voltado para uma

sociedade mais igualitária já é realidade em países. Ainda os alunos vêm que pode ser fenômeno que busca a compreensão mútua, mesmo com as diferenças, a intenção é de entendimento, a compreensão, provocando essa realidade que conhecemos, os mais diversos espaços convividos por pessoas diferentes, mas que se interagem naturalmente, pois somos sociáveis, este é nosso princípio, acreditando ainda que relações sociais são momentos de evolução e criação de interação com o outro.

A questão da identidade social e as relações sociais, referentes ao quesito pertencimento que procura trabalhar voltada para uma sociedade mais igualitária, tem a ver com o reconhecer-se, é uma localização em que nós nos encontramos enquanto pessoa. O que nos faz ser o que somos, questão de personalidade. Trazemos influências familiares, do meio que crescemos e o acúmulo de conhecimentos absorvidos ao longo dos anos, fazendo de cada pessoa um ser único, e a identidade pessoal que é fator primordial na questão social. Os processos sociais estão intimamente ligados, com a questão de construção do outro, do meio, do mundo. As questões sociais falam de sentidos, e os sentidos só têm existência se houver entendimento, e esse entendimento é reflexo dos meios, do ser humano organizado, que tem bases, normas, princípios individuais e coletivos, porém todos voltados para a sociabilidade.

Trabalhar questões raciais, comportamento social, poder aquisitivo dos menos favorecidos, vulnerabilidade social... Discutir o reconhecimento do racismo, machismo, a importância da liberdade de expressão, saber escolher para a vida, ser crítico com conhecimento de causa. Falar da vida que dá vida, que traz vida, são alguns pontos relevantes, bem como faz com que nós possamos estabelecer relações, sendo estas diretas ou não, a partir dos indivíduos que compõem a sociedade. Nós humanos não nascemos para viver isolados, e de acordo com o nosso desenvolvimento, vamos crescendo e acrescentando habilidades que absorvemos juntamente com as que temos. Trazemos conhecimentos das famílias, depois dos amigos do colégio, da turma das

baladas, trabalho, e tudo isso influencia nossa vida, formando nossas relações, trocas de experiências, nossa identidade pessoal.

Ao falar do espaço universitário que está posto igualitário para todos, é ser ingênuo. Hoje ainda não é o que acontece, acredito que a partir do engajamento e o reconhecer-se parte essa realidade possa acontecer, pois as pessoas não estão preparadas para sair do seu mundo perfeito, elaborado, bem pensado para si, e não para compartilhar com o diferente. De que maneira? A partir da organização dos que têm consciência da importância da inclusão social para o bem comum, para o conjunto, para o crescimento do indivíduo. O homem e a mulher existem não para serem números, mas para dizer do sujeito social que faz história, contribuindo também com a história. Não é possível que estamos no mundo e nossa trajetória seja apenas passar alguns anos por aqui, sem marcar, sem auxiliar, sem contribuir com a construção nossa e do outro.

Referências

- APPADURAI, Arjun (Org.) *A vida social das coisas*. Niterói: Eduff, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. A transformação das pessoas em mercadoria. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.
- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec. 1993.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. Marginalia. Algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 7-20, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Ética e Cidadania construindo valores na escola e na sociedade*. Protagonismo juvenil. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2009-pdf/2183-4-inclusao-social-juvenil-pdf/file>. Acesso em: 8 jan. 2020.

- BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- DURKHEIM, É. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Forense, 1970.
- FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2004.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas 2002.
- GLAT, R.; FERREIRA, J. R.; OLIVEIRA, E. S. G.; SENNA, L. A. *Panorama nacional da educação inclusiva no Brasil*. Relatório de consultoria técnica, projeto Educação Inclusiva no Brasil. Banco Mundial, 2003. Disponível em: www.cnotinfor.pt/projectos/worldbank/inclusiva/entrada.pt.html. Acesso em: 12 jan. 2003.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HAUG, W. *Critique off Commodity Aesthetics: Appearance, Sexuality and Advertising in Capitalist Society*. Cambridge, Polity Press, 1986.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Território*, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, jul./dez. 1997.
- INGOLD, T. Humanidade e Animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 28, ano 10, p. 39-54, 1998.
- KOSOVSKI, Lídia. *Comunicação espacial e teatralidade: do cubo cenográfico à cidade escavada*. 2000. 236f. Doutorado (Tese) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro (RJ): J. Zahar; 2001.
- LESTINGE, Sandra Regina. *Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento*. 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz A. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MOEHLECKE, S. Ação Afirmativa: história e debates no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117, p. 197-217, 2002.
- RAPCHAN, E. S. Sobre o Comportamento de Chimpanzés: O que antropólogos e primatólogos podem ensinar sobre o assunto? *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 33, p. 227-266, 2010.
- RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. O elemento voluntarista na sociologia de Talcott Parsons. *Acta Sci. Human Soc. Sci*, Maringá, v. 28, n. 1, p. 93-98, 2006.
- ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Org.). *História dos Jovens 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SIMMEL, Georg. *Filosofia del dinero*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1977.
- TAVARES, R. C. O sentimento de pertencimento social como um direito universal. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 16, n. 108, p. 179-201, 2015.
- TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- VAZ, A. C. de S.; ANDRÉ, B. P. Construindo identidade no espaço escolar: percepções de professores sobre o sentimento de

pertencimento dos seus alunos e a construção da cidadania. *Coloquio internacional educação, cidadania e exclusão*, 4, 2015, Rio de Janeiro, *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Ceduce, 2015.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.